

RÉPLICA

Nem Fernando Henrique nem Lula

JOSIAS DE SOUZA

Diretor-executivo da Sucursal de Brasília

PAULA CESARINO COSTA

Editora de Política

Em sua última coluna, o ombudsman da Folha, Junia Nogueira de Sá, acusou o jornal de estar beneficiando em seu noticiário um dos candidatos à Presidência, Fernando Henrique Cardoso, do PSDB.

A ombudsman cometeu uma injustiça. Ao contrário do que afirmou, o noticiário tem se mantido fiel ao preceito de apartidarismo que, com acerto, é cultivado pela Folha.

Junia também violou o saudável procedimento de "ouvir o outro lado", no caso, alguém que falasse em nome do jornal. Como faz o jornal, a ombudsman deveria se obrigar a ouvir e registrar diferentes versões.

Não se pretende aqui questionar o sagrado e intocável direito de crítica do ombudsman. Objetiva-se apenas evitar que uma avaliação equivocada fique sem resposta. Corre-se o risco de a versão ser tomada como verdade.

Sabe-se que o jornalismo diário é uma atividade sujeita a falhas, porque feita às pressas. O atropelo do fechamento de cada edição é um convite ao erro.

Em vez de apontar supostos erros da semana que se encerrava, Junia enxergou "fernandohenriquismo" em toda a cobertura que a Folha faz das eleições.

Eis com precisão o injustificável descaserto de Junia: a generalização. Com base no noticiário de uma escassa semana, jogou no lixo o trabalho de meses.

Em resumo, a ombudsman disse que, na semana em questão, a Folha utilizou critérios distintos no noticiário sobre FHC e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Tomando a defesa dos leitores simpatizantes de Lula e, por consequência, do próprio candidato petista, Junia sustentou que a Folha reserva para FHC textos mais benevolentes.

Foi então que generalizou: "O jornal usa dois pesos e duas medidas, não é de agora, quando fala de FHC e de Lula", apontou.

A ombudsman foi além: "O que escrevi aqui é apenas um exemplo, mas, baseado nele, o leitor pode encontrar muitos outros em quase todas as edições da Folha" (grifo nosso). nriquismo" se manifesta em títulos mais generosos, coberturas menos ácidas, na cobrança menos estridente".

Mesmo que se admitisse, ape-

nas para efeito de raciocínio, que Junia tenha razão quanto às críticas ao noticiário daquela semana, há que se condenar com veemência a inconcebível generalização.

Em respeito aos leitores que Junia deve representar, petistas e tucanos, políticos e apolíticos, é preciso recompor a verdade.

A ombudsman deveria fazer um mergulho na coleção de edições recentes da Folha. Se a imersão for desapassionada, ela há de reconhecer que errou.

Se tiver fôlego para alcançar a edição de 14 de maio de 94, Junia encontrará, por exemplo, reportagem sob o título "FHC começa campanha sem programa".

Se folhear o jornal do dia seguinte, decerto deparará com outra reportagem: "FHC é vaiado e muda discurso".

Os textos que deram origem aos dois títulos nada "fernandohenriquistas" relatam os dissabores de FHC na convenção partidária que o referendou como candidato.

Há ainda, na mesma edição, reportagem que a ombudsman poderia classificar como uma cobrança: "Inflação aumentou 16 pontos com FHC".

Se recuarmos um pouco mais, encontraremos na edição do dia 9 de maio reportagem sobre os "gastos irregulares" dos candidatos, inclusive de FHC. gular esse tipo de despesa, feita sem a emissão de bônus eleitorais.

No campo financeiro, a Folha voltou a dispensar a FHC tratamento que a ombudsman por certo classificaria como "ácido". Foi na edição de 7 de maio. "Empresas cedem ônibus a FHC sem bônus", dizia o título de reportagem sobre a passagem do candidato tucano por Aracaju (SE).

Um dia antes, o jornal publicou reportagem que poderia levar um leitor desatento a imaginar que um surto de "lulismo" se abateu sobre a edição.

Dizia o título da notícia: "FHC usa estrutura do Senado na campanha". O subtítulo complementava a informação: "Candidato utiliza telefones, fax e funcionários do gabinete do Senado; TSE considera o fato crime eleitoral".

Retorne-se à edição do dia 27. Apegada ao seu apartidarismo, a Folha ampliou o leque: "Lula, Amin e FHC se unem contra a lei", dizia o título de nova reportagem.

O texto informava que FHC e Lula desculparam-se mutuamente de som de um sindicato e da estrutura do gabinete no Senado.

Informou-se, de quebra, que Esperidião Amin, candidato do PPR, a exemplo a FHC, também se va-

lia dos recursos públicos de seu gabinete no Senado.

Mas não nos desviemos de nosso objetivo central. Voltemos ao tratamento "fernandohenriquista" de que somos acusados.

Para poupar o tempo do leitor e o espaço destinado a esta resposta, deixaremos de mencionar os detalhes do noticiário sobre a aliança de FHC com o PFL de Antônio Carlos Magalhães.

Se a ombudsman tiver interesse, basta que folheie edições recentes da Folha. Há de deparar com reportagens acerca dos tubeteios que marcaram a união entre o PSDB e o PFL, partido que trazia aos tucanos uma série de marcas indesejáveis.

Há fatos mais relevantes a serem recordados. Por exemplo: as notícias, publicadas em 31 de maio e 1º de junho, sobre a manipulação política o Orçamento da União.

A verba destinada à ferrovia Norte-Sul subiu de US\$ 132 mil para US\$ 8,2 milhões no Orçamento deste ano.

Não por acaso, a mudança foi providenciada depois que FHC começou a buscar o apoio do ex-presidente José Sarney, fervoroso defensor da Norte-Sul.

O município de Contagem, reducto tucano onde o PSDB fez a sua convenção, recebeu toda a atenção, o jornal realçou o que havia publicado. Na prática, chamou FHC de mentiroso.

Assim como a ombudsman enxergou "fernandohenriquismo" no jornal, alguém que não esteja familiarizado com a Folha poderá imaginar, diante dos exemplos arrolados acima, que se abateu sobre a Redação um "lulismo" irrefreável.

Na última quarta-feira, enquanto inaugurava o seu comitê de campanha em Brasília, FHC deu mostras de que não concorda com a ombudsman da Folha.

"Vou cumprimentá-lo para que a Folha o demita", disse FHC, em tom irônico, ao apertar a mão do repórter Tales Faria, da Sucursal de Brasília.

FHC e toda a sua equipe estão convencidos de que a Folha dispensa à candidatura do PSDB um tratamento pouco amistoso, ou "ácido", para voltar à palavra da ombudsman.

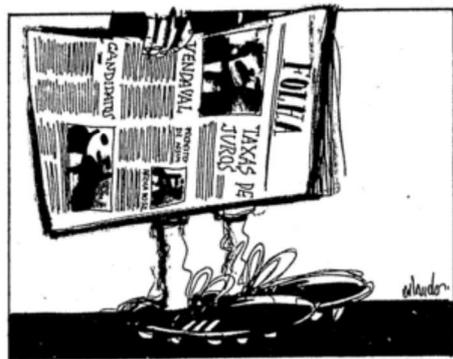
O mesmo se passa com Lula e seus auxiliares, cuja irritação com a Folha é igualmente indistiguível.

ao jornal demonstra que a Folha não "fernandohenriquista" nem "lulou". O noticiário está voltado para os interesses de uma só pessoa: o leitor.

OMBUDSMAN

Milhares de dólares e nenhum gol

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ



a Rússia, 24 (contra Camarões) e 28 de junho (contra a Suécia), o fuso horário está a favor da imprensa brasileira: as partidas vão acontecer às 17h (hora de Brasília). Mas se o Brasil passar para a segunda fase em primeiro lugar em seu grupo, por exemplo, o primeiro jogo está marcado para as 16h de um sábado, 4 de julho. Como a Folha fecha sua edição de domingo por volta de 14h30 do sábado, eis aí mais um problema para o jornal. Se tentar garantir o horário da edição de domingo, "mas vamos apressar" em mãos as modernas câmeras digitais que a Folha está estreado, capazes de reduzir o tempo entre o momento da foto e sua chegada na sede do jornal para alguns minutos (o processo tradicional requer mais de uma hora para a mesma operação). Foi graças a uma dessas câmeras que, na edição de quinta-feira, a Folha pôde ter uma foto de Romário, Dunga e Rai abraçados em um estádio de San Diego, na Califórnia, comemorando o primeiro dos oito gols brasileiros sobre Honduras. A foto chegou à sede do jornal às 23h15, quase meia hora antes de uma outra da agência Reuters. Foi, sem dúvida, um avanço para o jornal. Pena que, apesar dele e de uma partida que teve oito gols do Brasil, o leitor tenha ficado sem a imagem da bola na rede.

E já que o assunto é Copa do Mundo, aproveito para registrar o protesto dos leitores (pelo menos oito comentaram o assunto) que reclamaram da transmissão dos jogos pela TV. Para

esconder o nome da Brahma nas placas de publicidade dos estádios, as emissoras acabaram por "cortar" o campo nas laterais e prejudicar quem queria ver as partidas. Se as emissoras têm contratos de patrocínio feitos com concorrentes da Brahma, e se esses concorrentes querem ver a cervejaria fora do vídeo durante a Copa, o problema é das emissoras, da Brahma e dos concorrentes. Não se pode, por conta disso, punir o telespectador — que perdeu lances dos dois jogos do Brasil e do vídeo mais do que os patrocinadores propriamente ditos. OK, a questão é pertinente —mas nada justifica que, enquanto ela é discutida, o Rede Globo e a Bandeirantes desprezem o telespectador por conta de seus (das emissoras) interesses comerciais e "retalhem" as imagens que ele assiste. Isso, sim, é indesculpável. E anti-ético.

Aos leitores que reclamaram, dei um conselho: já que as emissoras não têm ombudsman, que eles liguem para os respectivos departamentos de esporte para protestar. Idem quanto à Brahma, a Antártica, a Kaiser e seus departamentos de marketing. No limite, sugeri que desligassem a televisão. Não deixa de ser uma forma de protesto contra o abuso de quem acha que o telespectador não vale nada, e só se esquece de uma coisa: no fim das contas, quem é que compra a cerveja anunciada durante os jogos?

NOTAS

Na sexta-feira, a Direção de Redação da Folha me informou a respeito de uma réplica à coluna da semana passada. "Dois pesos e duas medidas", que seria publicada hoje no jornal (está ao lado desta coluna), como é praxe na Folha, a Redação solicitou meu direito de responder, o ombudsman, e não tive comentário prévio do texto (assim como a Redação não conhece, previamente, o que escreve a ombudsman do jornal).

A coluna da semana passada apontava alguns episódios de "fernandohenriquismo" da Folha (se bem que o fenômeno, como escrevi, seja de toda a imprensa). Até a noite de sexta, 18 leitores telefonaram ou escreveram para comentar o assunto: 16 concordaram com a ombudsman (três cartas saíram no Painel do Leitor) e dois discordaram (uma carta publicada). Um deles, exatamente o autor dessa carta (Igor Cornelisen, de São Paulo), me acusou de "lulismo" em um texto em que, mais do que apontar defeitos de conduta, tentava desqualificar meu trabalho. A Redação, ao contrário da praxe do jornal, não me consultou para saber se eu queria responder a ele no próprio Painel do Leitor. (Seria o caso: o sr. Cornelisen leu mal a coluna e não percebeu que o que defendi nela foi que a Folha estendesse seu famoso distanciamento crítico à cobertura da campanha de FHC. Isso não é "lulismo", mas bom jornalismo).

Chico Pinheiro, âncora do "Jornal da Bandeirantes", fez um "mea culpa" em nome da imprensa nesse caso. Disse que somos todos responsáveis, deveríamos pedir desculpas aos envolvidos e fazer "uma profunda reflexão sobre o papel da imprensa na sociedade e nossos princípios éticos". Concordo com ele: é uma boa oportunidade. Antes que aconteça de novo.

Na quinta-feira, 2 de junho, o ex-governador do Ceará, Tasso

Jereissati, anunciou em sua coluna semanal na pág. 1-2 da Folha que estava deixando de colaborar com o jornal por disputar um cargo eletivo (ele é candidato ao governo do Ceará). No domingo, 5 de maio, Maria da Conceição Teófilo, candidata a deputada federal, anunciou também em sua coluna semanal na pág. 2-5 que não escreverá apenas uma vez ao mês até as eleições.

Alguns leitores perguntaram sobre as razões da diferença de critérios, e a secretária de Redação Eleonora de Lucena esclareceu: Tasso é candidato a um cargo majoritário e, por tradição, a Folha afasta de seus quadros, durante a campanha, quem está na disputa por eles. Os candidatos a cargos no legislativo, por disputarem uma eleição mais pulverizada, podem permanecer no jornal —desde que queiram. No primeiro caso, a intenção do jornal é não desequilibrar a disputa oferecendo um palanque privilegiado ao candidato. No segundo, o jornal entende que não teria influência sobre o resultado final.

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ é a ombudsman da Folha. A ombudsman tem mandato de um ano, renovável por mais um ano. Ela não pode ser demitida durante o exercício do cargo e tem estabilidade por um ano após o exercício da função. Suas atribuições são criticar o jornal sob a perspectiva do leitor —recebendo e checando as reclamações que ele encaminha à Redação — e comentar, aos domingos, o noticiário das notícias de comunicação. Cartas devem ser enviadas para a Al. Barão de Limeira, 425, 8º andar, São Paulo (SP), CEP 01202-001, a.c. Junia Nogueira de Sá/Ombudsman. Para contatos telefônicos, ligue (011) 224-3896 entre 14h e 18h, de segunda a sexta-feira.

Veja onde encontrar todos os cupons de desconto publicados nesta edição.

Como utilizar os cupons de desconto do Folhão.

Ao folhear esta edição, em vários anúncios você vai encontrar cupons de desconto. É fácil identificar esses cupons: todos eles trazem, de forma padronizada, uma ou mais ofertas dentro de um campo cercado por uma linha pontilhada. (Para localizá-los mais rapidamente, consulte o índice abaixo). Lá você fica sabendo o produto que oferece desconto e o valor ou porcentagem desse desconto. Recorte o cupom na linha pontilhada e vá até a loja que anunciou a oferta. Na hora do pagamento, apresente o cupom e você ganha o desconto indicado. Simples, não? E não esqueça: com apenas um desses descontos que você aproveitar, o seu Folhão de domingo já pode sair de graça.

Table with 3 columns: SETORES, CADERNO, PAGINA. Rows include PERFUMARIA (SÃO PAULO, 01), TURISMO (MUNDO, 01), VEÍCULOS (VEÍCULOS, 11), INFORMÁTICA (SÃO PAULO, 09), ALIMENTÍCIOS (BRASIL, 20).

Em caso de dúvida, ou qualquer outra informação sobre os cupons de desconto, ligue para 2-24-8200.

FOLHA Na da pra não ler

FAX-SEMLER

Por motivo de viagem, o empresário Ricardo Semler deixa de escrever sua coluna semanal.